

ESTUDO COMO ATIVIDADE ARTÍSTICA

Adriana Vieira Lins¹, Alluska Souza Cavalcante², Claudio Costa³

1 – Escola de Referência, Integral, Maria Ivone, Maceió. adriana.filosofia@hotmail.com

2- Escola de Referência, Integral, Maria Ivone, Maceió. alluskacavalcante_souza@hotmail.com

3 – Prefeitura Municipal de Campo Alegre, Alagoas. professorclaudiodacosta@gmail.com

Resumo

Este Artigo tem como objetivo fundamental, nossa hipótese de o Estudo ser uma Atividade Artística, compartilhando a experiência concreta empírica, vital e não abstrata (pelo menos nesse primeiro momento).

Daí nos atrair a obra de *Arte como Experiência* provocada pelos sentidos, sendo executada, pelo trabalho artesanal como: pintura, música, teatro, cinema e nas letras.

Atividades artesanais vinculadas à produção de sentidos. Essa capacidade de representar a realidade do mundo e revelar suas múltiplas verdades de forma expressiva, marcadamente simbólica. Produção mediada por muitas linguagens, que afirmam traços humanos que fundam, simultaneamente, a cultura e a história.

Nossa expectativa é que a visão de Dewey sobre a Arte como Experiência nos aproxime disso que nós gostaríamos de compreender para interpretar: a arte como expressão da experiência de muitas “atividades humanas sensíveis” inclusive como expressão da experiência vivida no Estudo.

Os próximos passos desse nosso estudo, que consiste em elevar o estudo à arte, à atividade artística; a reconhecer os sujeitos pedagógicos como artesãos de si mediados pelo estudo; que elegeu o estudo como objeto de investigação.

palavra-chave: arte, estudo, trabalho, sujeito pedagógico.

Introdução

O objetivo em ler a obra *Arte como Experiência* do filósofo norte americano Dewey (2010) decorre da necessidade de fundamentar nossa hipótese de o *estudo* ser uma *atividade artística*. O que nos exige saber o que os filósofos compreendem por atividade artística. Mas compreensão concreta, empírica, vital e não abstrata, metafísica, transcendente e contemplativa (pelo menos neste primeiro momento). Daí nos atrair a obra *Arte como Experiência*, resultante, imagino, da experiência provocada pelo trabalho artesanal na pintura, na música e nas letras, mas também no teatro e no cinema. Atividades artesanais vinculadas à produção de sentidos. Essa capacidade de representar a realidade do mundo e revelar suas múltiplas verdades de forma expressiva, marcadamente simbólica. Produção mediada por muitas linguagens, que afirmam traços humanos que fundam, simultaneamente, a cultura e a história. E isto, espacialmente, desde cada lugar. Nexos que passam a se fazer presentes na consciência e no pensamento, e cada vez mais intensamente com o processo evolutivo do ser humano.

Em todas as atividades artísticas, lhes são imanentes, com uma força surpreendente, a imaginação, a criatividade e a invenção. Estas características das atividades artísticas estão imbricadas ao trabalho das mãos, do corpo e da alma, nos mais diversos espaços sociais onde esse trabalho é vivido, em plena liberdade. Nesses espaços, a tese de Frederick Taylor, de enquadrar o movimento do corpo no tempo do relógio ou cronômetro, para controlar a produtividade do trabalho, não tem o menor sentido. Porque a atividade artística exige todo o tempo do mundo, não se deixa capturar pela lógica racional que nasceu com o nascimento do relógio e do cronômetro, e que se acoplou, desde o século XVIII, às máquinas.

A racionalidade da atividade artística é antípoda à toda e qualquer racionalidade maquínica. Ela se vincula fortemente à inspiração, vontade, “razão sábia” e, sobretudo, ao sentimento de liberdade. Apenas seres humanos livres podem viver plenamente, nessas atividades, um tal sentimento, tão virtuoso. E é por isso, movidos por um tal sentimento, que podem se fundir, com prazer e bom humor, corpo, alma e ideia, na atividade artística. Estes mesmos elementos fazem explodir a química e/ou combustão do estudo.

Nossa expectativa é que a visão de Dewey sobre a *Arte como Experiência* nos aproxime disso que nós gostaríamos de compreender para interpretar: a arte como expressão da experiência de muitas “atividades humanas sensíveis”, inclusive como expressão da experiência vivida no estudo. Há, certamente, uma singularidade no estudo ser arte. É que esta atividade artística tem o ser humano como objeto e objetivo, simultaneamente. Explico: corpo, sentidos e alma são mobilizados no estudo, sempre postos em evidências, estejamos ou não conscientes deste fato, que ocorre quando estudamos. A atividade artística do estudo ocorre sobre tudo o que faz os humanos serem humanos. E nesta ocorrência o estudo conserva e atualiza a humanidade do ser humano. Daí ser justo reconhecer a estética nesta atividade artística, estética peculiar ao estudo, a “estética da existência”.

Diríamos mais, reconhecemos ser o estudo portador da estética da vida, e vivida concretamente. E que ao se apropriar de si no estudo, ao se governarem a si mesmos quando priorizam a ação de estudar, contra outras ações exigidas e demandadas socialmente, os seres humanos aprimoram a si mesmos (corpo, sentidos e mente), fazem-se artesãos de si mesmos; fazem de suas vidas uma obra de arte. E fazem tudo isso porque trabalham em si, por si e para si. E vivendo desta forma deixam de ser escravos, de trabalharem para os outros. Alienando-se de si na expropriação de seus conhecimentos. Por exemplo, como trabalhadores assalariados.

Antípoda ao trabalho escravo é o trabalho livre. Escravo é quem se obriga pelas circunstâncias ou necessidades a trabalhar para outrem. Em síntese, quem vive para trabalhar. Quem tem como fim ou é posicionado teleologicamente pelo trabalho assalariado. Na modernidade quem é posicionado assim são todos os profissionais. Profissional é o escravo atualizado, a forma social inventada na modernidade pelo capital, quem legitima e permite o capital regular todos os complexos sociais, desde o complexo do trabalho.

As profissões são necessárias à reprodução das relações sociais capitalistas; e para elas existirem como tal é necessário que se negue o estudo como atividade artística, aos sujeitos pedagógicos. Ninguém pode se ocupar das atividades artísticas com a intensão de se constituir como profissional. Ou, ao contrário, a formação profissional é diferente e contraditória à formação artística. Profissional não é artesão, é totalmente enquadrado na lógica-racional taylorista do trabalho, lógica-racional que nega ao trabalhador a liberdade de estudar. Por conseguinte, a formação teórica sólida. O taylorismo valoriza a experiência e a prática e o que idealiza como trabalhador é a figura do “gorila adestrado”. Isto é o que faz do ser humano um escravo. Portanto, todo trabalhador assalariado permanece escravo por necessidade; e é obrigado, por ser escravo, a comercializar os conhecimentos adquiridos durante o estudo. E é no mercado de trabalho, onde impera as leis da administração, contabilidade e economia de empresas, onde são expropriados os conhecimentos dos profissionais: mercadorias humanas qualificadas para o trabalho que agrega valor ao capital. Isto é, como assalariado, sob a personificação de uma profissão, o ser humano se aliena de si ao capital.

Metodologia

Os próximos passos desse nosso estudo, que consiste em elevar o estudo à arte, à atividade artística; a reconhecer os sujeitos pedagógicos como artesãos de si mediados pelo estudo; que elegeu o estudo como objeto de investigação, é fazer a leitura imanente da Estética de Hegel e de Lukács. E, na sequência, estudar as obras que concebem a *literatura* como *arte*, visando nos apropriar das teorias acerca da *estética literária*¹. E por uma razão: os componentes ontológicos da *estética literária* é a leitura e a escrita, e estas, por coincidência

¹ Literatura, como Sartre a define, é um campo de conhecimento voltado para a compreensão da leitura e da escrita do mundo: natural, humano e cosmológico. E estas atividades caracterizam o estudo. Estudar o estudo implica, necessariamente, numa reflexão do ler e escrever, pressuposto para toda e qualquer forma de estudo. Sejam elas arbitrárias ou sistemáticas.

ou não, são os componentes ontológicos do estudo. Este fato é salutar. Ele nos faz crer na nossa sanidade mental e intelectual: que não estamos “colocando chifre na cabeça de cavalo”!

Na verdade, o estudo é uma atividade artesanal feita com as mãos dos sujeitos pedagógicos. E o que é feito com as mãos? Bem, sobretudo a escrita². Estudar é ler e escrever, simultaneamente. É o que propõe o método da leitura imanente (BEZERRA 2017, 2016a e 2016b). Então, é plausível, e perfeitamente possível admitir o estudo como técnica de si, como *askesis* (VENTURA, 2008); e mesmo como “modo de vida” (PIERRE HADOT, 2016a, 2016b e 1999). E, nesse sentido, como modo de vida, o estudo é indissociável de uma ética e de uma estética: ética das virtudes (SÊNECA, 2004) e estética da existência (VENTURA, 2008). Mas vivenciar a ética e a estética na atividade artística do estudo pressupõe uma política: compatibilizar a organização de nossas vidas, a ocupação com a atividade de estudar, com a organização da vida na cidade, as ocupações exigidas para conservar e fazer a cidade prosperar. Embora uma dependa da outra, em sociedades marcadas pelas desigualdades sociais, desigualdade entre classes, de sociedades que ainda se encontram na “pré- história da humanidade”, nestas sociedades as ocupações mobilizadas pela ética das virtudes existem em lutas e disputas com as ocupações mobilizadas pela ética deontológica. As ocupações são postas umas contra as outras, visceralmente. Isso nos revela também que o estudo está vinculado a uma forma de governo e a um regime de poder. Isto é, a ética e a estética, imanescentes ao estudo, exigem de todas e todos que o praticam, com coragem e força, a atividade de estudar, exercerem o governo de si; e, assim, conquistar soberanamente o regime de verdade, o regime de poder do estudo (BEZERRA, 2017). Neste regime, de força e poder, impera a democracia direta e subversiva, não há quem possa representar o estudante no estudo, estudar pelo estudante, fazer pelos estudantes o que só eles podem fazer. Já aí se revela a força subversiva. A subversão do estudo está no fato de, quando estudamos efetivamente, sermos governantes e governados, de governarmos a nós mesmos. Não é possível transferir a vontade de estudar a um terceiro, ou ela se faz em nós e por nós ou simplesmente não é possível.

Mas o estudo tem implicações profundas na formação da personalidade dos estudantes (professor é apenas um estudante que teve o privilégio de envelhecer estudando) e, por conseguinte, na conformação do campo dos sentidos e das percepções humanas. Sentidos e percepções que envolvem, de uma só vez, sentimentos, sensações e palavras. Suas ausências

² “Por traz da mão da mão de quem escreve tem uma cabeça que pensa”, Terezinha Carrier.

ou práticas que desconsiderem os nexos entre essas categorias contribuem, por exemplo, para formar uma personalidade subalterna, típica dos analfabetos e analfabetos com diplomas (analfabetos funcionais). Mas esta personalidade ganha sentido no *trabalho escolar alienado*, que não se propõe superar as leituras do mundo baseadas no censo comum, nos preconceitos, leituras baseadas nas experiências cotidianas da vida, na apropriação dos sentidos provocados pelas atividades empíricas.

O estranhamento das atividades escolares é difundido pelas políticas educacionais e organizado e difundido pelo sistema estatal de escolarização. Diferente disto, vivenciar o estudo como atividade sistemática, livre das injunções curriculares, oficiais-estatais, conforma outro tipo de personalidade, a personalidade de produtor, comprometida com a formação de si vivendo com os outros no mundo. Os sujeitos pedagógicos também podem se formar estudando desta forma, mesmo as pessoas que não se dedicam a socialização, produção e apropriação de conhecimentos, nas unidades de ensino: escolas e universidades. Exemplos clássicos deste tipo de formação são as formações vivenciadas pelos filósofos socráticos, estoicos e epicuristas. Mas também, com algumas ressalvas, a formação sugerida por Antônio Verney (1746), em sua clássica obra *O Verdadeiro Método de Estudar*.

A formação de si está comprometida com o fortalecimento do governo de si e a formação dos livres pensadores, respeitadas a autonomia e soberania do intelectual. E (é forjada numa modalidade de trabalho singular, que Pierre Hadot 2016a, 2016b e 1999) nomeou de “trabalho de si, em si, por si”, e nós sugerimos incluir o “para si”, neste tipo de trabalho singular, que é o trabalho pedagógico.

O estudo é uma “atividade humana sensível”, apropriação de conhecimentos sistemáticos, incorporáveis às pessoas em suas experiências com estudos e pesquisas. Conhecimentos que apenas indiretamente vinculam-se às atividades responsáveis à conservação da vida, e isso apenas em um momento avançado do processo civilizatório. Mas o estudo, esforço ou atividade que se objetiva em apropriar-se de conhecimentos objetivos, é imprescindível à afirmação da liberdade humana, da criatividade humana e do prazer humano, e mesmo à contemplação do belo e reconhecimento do justo. Ele potencializa a criatividade, a liberdade e o prazer, a ética e a estética, nos atos de estudar.

Entretanto, como profissão e, por conseguinte, obrigação na sociedade empresarial, anula todas essas possibilidades abertas pela dialética do trabalho. A sociedade empresarial, para existir enquanto tal, nega de forma sistemática, peremptória e persistente o estudo aos

trabalhadores assalariados, como os demônios negam a cruz. O que compreende populações inteiras de professores e estudantes, que atuam em escolas e universidades.

Afirmamos que o letramento e a produção de sentidos pelos seres humanos, habitantes no planeta Terra; esta faculdade de representar racional e simbolicamente e/ou semioticamente os seres terráqueos, através de signos ou palavras, referenciadas no mundo, o que compreender por categoria, são formas de ser, formas que representam os seres habitantes no mundo, representam e significam, de fato, os conteúdos desses seres. E é isto que singulariza mais ainda o ser humano, vivendo com os outros no mundo, porque permite-o comunicar tudo o que sente e percebe em sua existência. O que sente e percebe vive e existe fora de si, mas neste sentir e perceber o ser humano descobre-se a si mesmo como ser humano, os sentidos do seu ser. É o que compreendemos como realidade: o ser, o conteúdo do ser, e as formas que os representam, as palavras que dão significado dos seres que existem fora de si. Mas estes que sentem, percebem e tomam consciência, com esses exercícios reflexivos, desta realidade, os realizadores dessas significações e produção de sentidos, no mundo e sobre o mundo vivendo com os outros, também compõem a realidade.

A realidade inclui o ser humano vivendo no mundo e os efeitos dessa existência no pensamento ou consciência. Talvez seja mais plausível pensar a interioridade humana como categoria, que envolve o pensamento, a consciência e muito mais, como o inconsciente. Portanto, todas e todos aqueles quem falam e escrevem sobre o que pensam, sentem e agem, inclusive os próprios efeitos do que falaram e escreveram, do que sentiram, pensaram e fizeram, constituem a realidade humana, o mundo humano. E a realidade é continuamente atualizada pelos pensamentos, sentimentos e ações humanas. É o que caracteriza o que compreendemos por vida. O modo de vida humano é recursivo, pode ser feito e desfeito, inventado e reinventado, segundo a vontade e determinações dos humanos, em suas atividades. Se desejamos mudar a nossa vida, devemos mudar, necessariamente, o modo de vida, desenvolver atividades diferentes, e às vezes, contrárias, daquelas com as quais nos ocupamos.

Neste sentido a representação da realidade é também ela realidade, ou melhor, complexo social que constitui com outros complexos sociais a “totalidade complexa das múltiplas determinações do ser social”. Portanto, a representação da realidade humana, com sua linguagem própria, orientada por regras simbólicas, dinâmicas e flexíveis, porque geohistóricas, desenvolve suas próprias categorias, nascidas nas suas dinâmicas e processos sociais, e inclusive a capacidade humana de simbolizar, produzir sentidos, para representar a

realidade do mundo humano. O complexo categorial desse poder de representar socialmente o mundo humano, não humano e desumano, referenciado em realidades humanas sociogeohistóricas, propõe-se, justamente, explicar esta realidade, torna-la inteligível para as comunidades humanas, comunidades específicas, mas também para o gênero humano. O complexo categorial que dá sentido, legitima e orienta o regime de verdades com ideias, legitima a vida na realidade.

O ser humano é, por conseguinte, um ser reflexivo, autoreflexivo e ... recursivo! O que significa isso? Significa que ele, pode, então, ver e rever; pensar e repensar; fazer e desfazer; afirmar e negar, falar e pensar sobre tudo, absolutamente tudo, o que faz. Ele pode mudar suas atitudes conforme as conveniências da razão, projetos e ideais, baseados em crenças e verdades. Todos as pessoas que nascem, em cada geração, têm que fazer o mesmo percurso sociopsíquico, conforme todas as gerações anteriores. Ninguém pode transferir seus saberes, estes têm que ser conquistados por cada uma e cada um através do estudo. A dependência dos saberes acumulados historicamente, socializados por gerações existentes, diminuem gradativamente na medida em que as gerações emergentes amadurecem intelectualmente. Na medida em que cada uma e cada um conquista a autonomia social necessária, para existir em liberdade, com a menor dependência possível. Essa é uma conquista da soberania do governo de si que se opera no estudo. Daí porque a atividade artística do estudo ser negado às escravas e escravos.

A independência e autonomia se conquistam na medida em que o ser humano se aplica apoiado em pesquisas e estudos. Enfim, pelo desenvolvimento da faculdade da razão. O ser humano, desta forma, é um ser subjetivo que se objetiva, exterioriza todos os sentidos do seu ser no mundo, mediado pela linguagem e pelo trabalho, impulsionado por forças psíquicas, interiores, conscientes e inconscientes, que determinam a personalidade, distensionando as tensões, exteriores e interiores, que pressionam os sentidos corporais. O ser humano conquista essa autonomia por meio da atividade artística do estudo, pela libertação da escravidão. Isto é, libertação da necessidade e do discurso cristão que afirma que o que tem valor na vida é a o pão conseguido com o suor no rosto. Portanto, o sacrifício. Bem diferente são as proposições da vida pela filosofia socrática, epicurista e estoica. Para esses o que confere dignidade humana é o bem viver, a conquista da tranquilidade da alma: não temer a deus, controlar os desejos e viver com o necessário e suficiente. A humildade socrática é outra categoria (forma de ser) importante na dinâmica do bem viver impetrado pela *askesis*.

Mas o que postulamos até aqui é demasiadamente abstrato. Uma filosofia antropológica, geral e abstrata. Ela pode até ajudar a pensar questões concretas, questões práticas e políticas, e em qualquer cidade; e até nos auxilia nas intervenções no mundo humano, de uma forma mais qualificada, e que evita cometermos muitos equívocos. Portanto, em sermos mais consequentes e errar o menos possível.

Há, entretanto, um problema concreto, presente nas sociedades modernas, industriais e capitalistas: as formas sociais personificadas pelas pessoas, necessárias para se conectarem aos processos sociais existentes, determinam como as pessoas são posicionadas, teleologicamente, no capitalismo. E elas são impedimentos reais para a conquista da emancipação humana. Um dos obstáculos mais efetivos ao projeto emancipatório na modernidade.

Então, o problema concreto que nos propomos a enfrentar decorre da contradição acima, dos obstáculos que impedem o ser humano conquistar a emancipação humana na modernidade. E ele pode ser formulado nos seguintes termos: qual o lugar do estudo e da pesquisa, da escola e da universidade e, por conseguinte, dos sujeitos pedagógicos que trabalham nestas instituições, no posicionamento teleológico das pessoas no capitalismo? Em que e como os sistemas de ensino (com seus currículos; formação de professores e estudantes; sistemas avaliativos de desempenho; e os sujeitos pedagógicos) contribuem para reforçar, socioterritorialmente, populações inteiras, vinculadas a diferentes classes e frações de classes sociais, o posicionamento teleológico das pessoas no território do capital, nas sociedades que imperam as lutas de classe?

Conclusão

As reflexões até aqui decorrerem de um diálogo crítico com a Introdução escrita por Abraham Kaplan à obra *Arte como Experiência* de John Dewey³ (2010). Nossos registros, insights, pensamentos reflexivos e sentimentos gerados por nossa leitura imanente são feitos tendo como referência o seguinte extrato de texto de Kaplan (2010, 9-10):

Categorizar o pensamento de Dewey nos escaninhos do pragmatismo vulgar é impróprio, da maneira mais flagrante, no que tange a sua filosofia da arte. Tal como vulgarmente concebido, o pragmatismo nem sequer pode interessar-se [9] pela arte, pois, nessa concepção *a*

³ Fizemos a leitura imanente desta obra com o objetivo de pensar o estudo como uma “experiência artística”.

arte é eminentemente não lucrativa e pouco prática – a menos que se trate de desenho industrial, decoração de interiores, propaganda ou de uma simples mercadoria que sirva para proteger da inflação [10].

Segue-se a este extrato uma enunciação de Dewey sobre a consideração de arte pela filosofia. Mas independentemente de os filósofos, com suas filosofias, se posicionarem de forma parcial ou imparcial, defendemos a tese da impossibilidade do pôr filosófico. O que equivale a assumir o estudo como modo de vida; e, portanto, modo de existir para filosofar. Para tanto, teríamos de priorizar a atividade de estudar. As escolas e universidade teriam que ganhar mais importância do que as empresas. A jornada de trabalho deveria ser reduzida sensivelmente para homens e mulheres dedicarem-se ao tempo socialmente necessário para se apropriarem de conhecimentos. Sobretudo, os sujeitos pedagógicos, professores e estudantes, deveriam se ocupar mais e efetivamente com estudos e pesquisas. O que elevaria significativamente a qualidade de ensino.

Afirmar que o estudo é uma atividade artística: “*eminente não lucrativa e pouco prática*”, contrário ao pragmatismo, parece um absurdo em nossa sociedade! Mas mais absurdo ainda é afirmar o estudo como trabalho, como labor. Atividade humana sensível realizada em si, por si e para si. A única atividade inventada pelo ser humano em que ele é objeto exclusivo de si mesmo, em que ele opera o governo de si e o aprimoramento dos meios e órgãos produtores de sentidos.

Referência Bibliográficas

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010

BEZERRA, Ciro. **Crítica à Sociologia: conhecimento e educação**. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I: Sociologia do Conhecimento na Modernidade; Volume II: Sociologia da Educação no Século XXI.

_____. **A conspiração do vampiro: pesquisa, currículo e ensino médio, técnico e profissional no Brasil**. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2017. Volume I e II.

_____. **Professores desacorrentados na cé(lu)la de aula ou Formação de si: um método para resistir e emancipar**. Maceió: Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Mimeografado. 2016.

HADOT, Pierre – **O que é Filosofia Antiga?** 6ª edição 2014 e 2ª reimpressão 2017, São Paulo: Edições Loyola. 2017.

LUKÁCS, G. **A arte como consciência do desenvolvimento da humanidade.** In: NETO, J. P. (Org.): *Sociologia*. São Paulo: Ática, (Coleção *Grandes Cientistas Sociais*), nº 20, 1981, p. 189-203.

HEGEL, G.W.F. **Estética.** In Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999

VERNEY, Luís Antonio. **Verdadeiro Método de Estudar ...** Valensa, Antonio Balle, 1746, t. I, a2.

SÊNECA, Lúcio Aneu. Cartas a Lucílio. **A ética das virtudes** 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

VENTURA Cardoso Rodrigo **PSICANÁLISE E FILOSOFIA. A estética da existência.** Foucault e Psicanálise. Círculo Brasileiro de Psicanálise – 2008, Seção Rio de Janeiro – RJ